

FACES DO *AETNA*: *MAGISTER*, ENSINAMENTO E *DISCIPULUS*

Matheus TREVIZAM*

- **RESUMO:** Depois de apontar alguns traços essenciais do poema latino *Aetna*, como a presença da constelação professor-aluno e a veiculação hexamétrica de saberes, fazemos comentários analíticos mais específicos sobre alguns desses aspectos. Assim, o *magister* (professor) é analisado sob a perspectiva retórica do *ethos*; o ensinamento é abordado nos pontos de sua natureza, modos e objetivos; o *discipulus* (aluno), enfim, é por vezes descrito pelo *magister* como incrédulo no tocante a suas palavras, mas perigosamente crédulo quanto a rumores.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Poesia didática. *Aetna*. Professor. Ensino. Aluno.

Introdução

Lendo o poema didático *Etna*, chamado *Aetna* em latim – com autor desconhecido e muitas vezes datado da segunda metade do séc. I d.C. (VOLK, 2005, p. 70) –, divisamos um texto, em certo sentido, *sui generis*; em outro, bastante afinado com os ditames da categoria literária a que pertence. A crítica tem ressaltado, no tocante aos traços de “originalidade” da obra em pauta, que talvez se trate do único texto por inteiro destinado à abordagem da vulcanologia que a Antiguidade nos legou (GOODYEAR, 1984, p. 347). Na verdade, apesar do tangenciamento de temas em nexos com os vulcões em várias obras poéticas e/ou em prosa¹ que remontam já ao mundo grego, descontando *Aetna*, não temos notícias, nas Letras antigas, de algo como um tratado **sistematicamente** comprometido com esses assuntos.

* Professor associado III da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; e Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem (pós-doutorando no Departamento de Linguística), Campinas, São Paulo, Brasil – matheustrevizam2000@yahoo.com.br.

¹ Para um “catálogo”, com comentários, dos poetas e autores em prosa que se ocuparam, na Grécia Antiga, do *tópos* do Etna – Píndaro, Eurípides, Tucídides, Estrabão... –, veja-se ensaio de Buxton (2016, p. 25-45).

No *De rerum natura* lucreciano, a título de exemplificação, coube uma parcela do livro VI justamente a desenvolvimentos teóricos que visam a informar quanto aos mecanismos eruptivos do monte Etna. Tal parcela corresponde ao intervalo entre os versos 639 e 711 e, nele, apenas do verso 680 em diante se iniciam explicações mais efetivas sobre as causas físicas dos movimentos geológicos do vulcão; dessa maneira, ecoando uma ideia contida em outro autor antigo – cf. Sêneca, *Naturales Quaestiones* VI, 12, 1 –, fala-se ali no caráter oculto do subsolo e no “fato” de serem as galerias subterrâneas da crosta terrestre percorridas por ventos. Seriam tais ventos, portanto, que às vezes se agitam e geram sismos na superfície, bem como, pelo atrito, as chamas e o derretimento de rochas observáveis nas erupções vulcânicas.

Um tratado em prosa romano de assuntos naturais, por sua vez, que poderia ter dado a seu autor o ensejo de desenvolver-se no sentido da abordagem da vulcanologia, sintomaticamente, não o faz de forma plena. Referimo-nos, aqui, às *Naturales Quaestiones* de Lúcio Aneu Sêneca – composição entre 62 d.C. a 65 d.C. –, cujos respectivos livros abordam, sempre de acordo com pressupostos estoicos de entendimento do mundo físico, *grosso modo* 1. os meteoros, arco-íris etc.; 2. os trovões e relâmpagos; 3. a água; 4. o granizo, neve etc.; 5. os ventos; 6. os terremotos e as fontes do rio Nilo; 7. os cometas. O mesmo Sêneca, ainda, convidou Lucílio, seu amigo e costureiro interlocutor nas *Epistulae morales* – epístola 79, 5 –, a compor “algo” (um trecho descritivo? uma obra completa?) sobre o monte Etna durante sua estada em função oficial na Sicília, o que nos faz supor ter sido a profunda abordagem de tal assunto, até essa ocasião, desconhecida do filósofo.²

Quando pensamos nos traços de escrita que mais identificam a tessitura literária de *Aetna* com a de outras obras antigas consideradas “poemas didáticos”, entendemos que semelhante harmonização estaria, sobretudo, no fato de tais textos reproduzirem uma espécie de situação de “aula”. Então, o ponto de partida da única “voz” emanada de cada poema didático configura-se como um “eu” (enunciador em primeira pessoa) que se direciona explícita e sistematicamente a um “tu” (“ouvinte” em segunda pessoa); o que é dito ao longo do contato comunicativo assim estabelecido, além disso, não são palavras quaisquer, mas antes conteúdos instrutivos veiculados pela fala do *magister* (professor) para o *discipulus* (aluno).³

² Carmen Codoñer (2007, p. 553) situa as *Epistulae morales* entre as mais tardias obras de Sêneca, junto com *Naturales Quaestiones* e *De beneficiis*. A data de 65 d.C., dada acima para limitar a extensão cronológica da escrita das *Questões Naturais*, na verdade coincide com o ano da morte do filósofo, que então se suicidou a mando do imperador Nero, depois de o acusarem de conspirar contra o príncipe em companhia de Caio Calpúrnio Pisão e outros.

³ Katharina Volk (2002, p. 40) emprega a expressão *teacher-student constellation* (constelação professor-aluno) para referir-se a essas duas personagens típicas da poesia didática antiga. A estudiosa alemã, no mesmo livro e trecho, também elenca o “explícito intento didático”, a “autoconsciência poética” e a “ilusão de simultaneidade poética” – ou seja, pronunciar-se nos textos como se fossem obras cuja construção é concomitante ao contato com o receptor – à maneira de pontos adicionalmente

Outros elementos, ainda – a exemplo da intercalação de trechos descritivos ou narrativos em meio aos estritos preceitos do *magister*, de um razoável nível de seriedade expositiva diante de assuntos, a depender do caso, como a agricultura, a física, a astronomia, a vulcanologia etc. e da clara preferência pelo emprego dos versos hexâmetros datílicos para compor os poemas didáticos (TOOHEY, 1996, p. 4) –, poderiam ser juntados aos que citamos primeiro. Contudo, sem desdém de sua importância para a feitura de todos os poemas em vínculo compositivo com o didatismo na Antiguidade, os contornos do *magister*, os do ensinamento/mo modo instrutivo e a peculiar conformação do *discipulus* em *Aetna*, por ora, mobilizarão nossos comentários no espaço deste artigo.

Postura e *ethos* do *magister* didático de *Aetna*

Antes de passarmos à análise de alguns dos principais elementos que caracterizam a postura e o *ethos*, no sentido retórico,⁴ do *magister* a veicular o curso de vulcanologia contido na obra de nosso interesse, convém inicialmente ter em mente uma condição que essa personagem partilha com muitas outras da mesma tipologia literária envolvida. Deve, portanto, ficar claro que a personagem do *magister* encontrável em obras como *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, as *Geórgicas* de Virgílio e, entre vários exemplos possíveis, o *De rerum natura* lucreciano não se identifica de imediato com a figura empírica dos poetas que compuseram tais textos.

De fato, embora eventualmente possa haver relativa sobreposição de características entre os poetas e os *magistri* desse tipo,⁵ operam convenções em demasia na constituição dos derradeiros para podermos falar nas obras com as quais ambos se relacionam, de maneiras distintas, como fiel “decalque” de uma espécie de profissão docente dos efetivos autores. Um dado que nos permite ilustrar essa

integrantes dos contornos que delimitam essa tipologia literária.

⁴ REBOUL, 2004, p. 48: “O *etos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança: ‘Por isso é que sua equidade é praticamente a mais eficaz das provas (1356a)’”.

⁵ Em *Geórgicas* III, 40-42, encontramos a seguinte passagem expressa pelo *magister* agrário: *Interea Dryadum siluas saltusque sequamur/ intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa:/ te sine nil altum mens incohat. (...)* – “Enquanto isso, sigamos às matas e às clareiras intocadas/ das Driades, tuas ordens não fáceis, ó Mecenas:/ sem ti, nada de alto a mente principia” (...) – todas as traduções do artigo são de responsabilidade do autor. A interpretação em geral dada para essa passagem corresponde a ver nos versos em jogo uma espécie de “documento” das solicitações, ou mesmo pressões, a que os poetas do “Círculo de Mecenas” – como Virgílio, Horácio, Propércio etc. – estariam submetidos, em troca de agregar-se em torno de figuras tão associadas ao poder político quanto tal “ministro” e Augusto. Para uma discussão mais aprofundada sobre a face “propagandística”, ou não, das obras dos poetas que citamos nesta nota, veja-se Weeda (2015, p. 13 *et seq.*).

afirmação diz respeito a que os *magistri* didáticos se apresentam com frequência como quem necessita infundir autoridade nos dizeres transmitidos por sua “voz”.⁶

Assim, no Hesíodo d’*Os trabalhos e os dias* há recorrência, em resposta a essa necessidade, à imagem de o enunciador ser divinamente inspirado pelas musas da Piéria para falar como o faz (v. 1-10). Em *Aetna*, o mesmo ponto convencional da figura do *magister* encontra próxima ressonância no confronto com o modelo hesiódico na medida em que ele também pretende, nesse poema, pronunciar-se sob a condução de entes sagrados (Apolo e as musas da Piéria), apesar, como dissemos, da grande novidade do assunto arrostado nesse texto, ou seja, a vulcanologia:

*Aetna mihi ruptique cauis fornacibus ignes
et quae tam fortes uoluant incendia causae,
quid fremat imperium, quid raucos torqueat aestus,
carmen erit. Dexter uenias mihi, carminis auctor,
seu te Cynthos habet, seu Delo gratior Hyla,
seu Dodona tibi potior, tecumque fauentes
in noua Pierio properent a fonte sorores
uota: per insolitum Phoebos duce tutius itur.*
(*Aetna* 1-8)⁷

Esse mesmo início de *Aetna*, ademais, já nos permite avançar algumas considerações que se relacionam, propriamente, aos peculiares contornos do *ethos* do *magister* associado a tal obra. Ora, um dos *tópoi* em nexos com entretecer um “caráter retórico” favorável para quem pronuncia alguma fala corresponde àquele da modéstia, como se, confrontado com a tarefa de comunicar-se com o público, o orador ou poeta explicitasse, em geral logo ao início de sua intervenção (portanto, no exórdio ou proêmio), a dificuldade da tarefa e, também, seus “fracos” dotes diante dos esforços exigidos.⁸

⁶ Também poderíamos dizer que tais *magistri* devem, como esclarece Volk (2002, p. 40), **explicitamente** declarar que tencionam ensinar algum assunto – quase sempre, no proêmio dos poemas didáticos em que se inserem –, que por vezes antecipam as reações dos *discipuli* (vejam-se *De rerum natura* II, 718: *sed ne forte putes* – “mas **não venhas acaso a julgar**”; *Aetna* 158-159: *sed summis si forte putas concedere causas/ tantum opus* – “mas, **caso julgues** que tão grandes fenômenos advêm/ de causas externas” (grifos meu) etc.

⁷ “O Etna, as chamas que irrompem de ocas fornalhas,/ que causas tão fortes rodopiam incêndios, por que/ brame poderosamente e por que retorce roucos fervores/ será meu poema. **Vem auxiliar-me, ó instigador da poesia,**/ quer te tenha Cinto, quer Hila mais doce que Delos,/ quer Dodona preferível. **E contigo as [musas] irmãs,/ favoráveis a meus novos votos, se apressem da fonte Piéria: sendo Febo o guia, vai-se mais seguro pela novidade**” (grifo nosso).

⁸ “Na tradição retórica clássica, tal lugar humilde, entendido como modéstia afetada, constitui

Desse modo, quando o *magister* de *Aetna* dá voz à ideia, imaginamos, de que não há de ser tão simples levar a cabo a tarefa à qual se dispõe nesse poema – note-se, a propósito, o emprego de *insolitum*, “pela novidade” em v. 8 –, tangencia um dos elementos significativos a integrarem o *tópos* da modéstia. Contudo, em vez de ele prosseguir afirmando ser “incapaz” de pronunciar-se de forma “nova” a respeito do vulcanismo, foi encontrada outra solução a fim de afastar traços indesejavelmente petulantes para o mesmo *magister*: então, insólita e, por conseguinte, difícil pode ser a tarefa à frente, mas, como o auxiliam Apolo e as musas, segundo dissemos há pouco, isso resulta num caminho “mais seguro” (*tutius*, v. 8) e, é óbvio, possível.⁹

Em outras palavras, a (auto)confiança detectável no *ethos* dessa personagem parece, no contexto proemial de *Aetna*, como que temperada pela delegação de parte importante das responsabilidades e/ou méritos compositivos da obra a dois poderosos tipos de entes sagrados, obtendo-se assim efeito de amortecimento do excesso de ousadia do “professor de ciência”. O emprego dessa última expressão, acrescentamos, faz lembrar que a crença em uma abordagem racional – ou até empírica – em face dos fenômenos da Natureza constitui, combinada ao entusiasmo pelo conteúdo mesmo do ensinamento, mais uma importante característica do *magister* sobre o qual, aqui, tecemos comentários:

*Aetna sui manifesta fides et proxima uero est.
Non illic duce me occultas scrutabere causas:
occurrent oculis ipsae cogentque fateri:
plurima namque patent illi miracula monti.
(Aetna 177-180)¹⁰*

um importante recurso dentre aqueles que visam a *captatio beneuolentiae*, isto é, o processo de conquista da atenção e boa vontade do interlocutor para aquilo que se vai formular em seguida. Nesse sentido, o narrador de tipo rústico deve ser interpretado, em particular, como desdobramento muito erudito da figura retórica de *rusticitas*, cujo exemplo mais citado é o de Cícero, no *Orator* [I, 1-2], quando se coloca a si e a sua inteligência muito abaixo da matéria que lhe é proposta” (PÉCORRA, 2001, p. 81).

⁹ Veja-se também *Aetna* 24: *fortius ignotas molimur pectore curas*. – “com mais coragem, nossa mente arrosta **ignota obra**” (grifo meu).

¹⁰ “O Etna dá prova evidente e **verossímil** de sua natureza./ **Sem minha tutela**, ali perscrutarás causas ocultas: **elas/ mesmas se apresentarão a teus olhos e obrigarão a reconhecer**./ Com efeito, são evidentes as inúmeras maravilhas daquele vulcão” (grifo meu).

*Nunc opus artificem incendi causamque reposcit,
non illam parui aut tenuis discriminis: ignes
mille sub exiguo ponent tibi tempore uera.
Res oculique docent; res ipsae credere cogunt.
Quin etiam tactus moneat, contingere tuto
si liceat: prohibent flammae custodiaque ignis
illi operi est; arcent aditus diuinaque rerum
[ut maior species Aetnae succurrat inanis]
cura sine arbitrio est; eadem procul omnia cernes.*

(Aetna 189-195)¹¹

Depois de um próêmio em que temas míticos, relacionados ao monte Etna (forja de Vulcano e sepultamento do Gigante Encélado sob a mesma montanha – v. 29-35 e v. 41-73) ou não (Medeia, lendas do ciclo troiano etc. – v. 17 e v. 18-19), são destituídos dos horizontes do *magister* de *Aetna* como “mentira(s) dos vates” (*fallacia uatum*, v. 29), essa personagem dedica sua fala à seguida exposição das causas **físicas** das erupções vulcânicas. Conforme se nota pelos excertos acima, em tal percurso expositivo o “professor de ciência” decerto enfatiza que o melhor mestre do homem desejoso de conhecer os segredos do Universo é o contato direto com a Natureza, tendo por guia a “verdade” – v. 177 e v. 191 – dos sentidos;¹² isso justifica que ele, modestamente, acabe por se colocar em posição **dispensável** como via de acesso aos saberes atinentes ao mundo físico (*non duce... me* – “sem minha tutela”, v. 178).

Quanto ao entusiasmo do *magister* pelos temas de que trata, lembramos com Katharina Volk que, como dito em *Aetna*, “o fogo do vulcão não se deve comparar ao empregado pelo homem, mas é quase celestial e semelhante à chama, i.e. ao raio, de Júpiter”.¹³ Além disso, o vocabulário referente às “maravilhas” do vulcão e/

¹¹ “Agora, o trabalho pede o autor e a causa do abrasamento,/ não é insignificante ou difícil de discernir: mil/ chamas, em pouco tempo, **exporão a ti a verdade./ Os olhos ensinam os fatos; os próprios fatos levam a crer./ Além disso, o tato instruiria, se fosse permitido tocar/ com segurança:** mas as chamas o impedem e o fogo é guarda/ daquele vulcão; elas barram o acesso e o divino cuidado das coisas/ [para dispor o cavernoso Etna de mais grandioso aspecto]/ não admite ser controlado; de longe observarás o mesmo” (grifo meu).

¹² Em semelhante aspecto, ou seja, em conceder pleno crédito às experiências sensoriais do homem, a caracterização do *magister* se aproxima do pensamento epicurista (DELLA CORTE, 1984, p. 46); por outro lado, quando oferece múltiplas explicações para fenômenos que não podem ser de todo acessados sensorialmente, como os terremotos (v. 94 *et seq.*) e os ventos subterrâneos (v. 282 *et seq.*), também se vincula a concepções epicuristas ou, de forma mais concreta, lucrecianas (*De rerum natura* VI, 703-711).

¹³ VOLK, 2005, p. 78: “... *das Feuer des Vulkans dem von Menschen verwendeten nicht zu*

ou da Natureza circundante abunda na obra analisada: vejam-se, assim, *miranda... spectacula* (“espetáculos maravilhosos”, v. 156); *plurima... miracula* (“inúmeros prodígios”, v. 180); *mirandus... faber* (“maravilhoso artesão”, v. 197); *miranda* (“[tais] maravilhas”, v. 223); *quaecumque... miracula* (“quaisquer prodígios”, v. 256); *quae... miranda* (“quais maravilhas”, v. 251) etc.

Natureza, meios e fins do ensinamento vulcanológico em *Aetna*

Primeiramente, importa observar que, dentro de certa bipartição dos poemas didáticos que Peter Toohey (1996, p. 6) propôs – ou seja, diferenciando tais obras antigas, pelos temas, entre aquelas de caráter 1. técnico e 2. filosófico-científico –, um texto com as características de *Aetna* decerto se enquadra na segunda categoria. Basta reforçar, em princípio, que o assunto desse texto corresponde “maciçamente” a explicações em vínculo com alguns dos principais fatores envolvidos nas erupções do monte Etna, situado na Sicília.

Descontando, então, o longo proêmio (v. 1-93), uma digressão contida em *Aetna* – como, de resto, é comum para todos os poemas didáticos antigos (TOOHEY, 1996, p. 4) –¹⁴ e o “fecho” da obra,¹⁵ concentram-se os ensinamentos vulcanológicos do *magister* respectivamente 1. em um trecho longo (v. 94-217), a ter como foco expositivo as galerias de fluxo – para ar, ventos, água e fogo – abrigadas no subsolo; 2. em uma seção (v. 281-383) relacionada ao ponto dos ventos subterrâneos, sem os quais a teoria antiga não dispunha de meios para explicar a ocorrência de erupções vulcânicas e/ou terremotos; 3. em uma passagem (v. 384-566) a abordar as chamas do Etna, com destaque daquilo que se reputa, ali, sua matéria combustível essencial (ou seja, a “pedra molar” ou *molaris lapis*).

Ora, repisamos que os assuntos vinculados à física (= explicação do mundo material) e, em especial, à vulcanologia, constituíram preocupação teórica, ainda que eventual, de sucessivos filósofos da Antiguidade, entre os quais poderíamos mencionar, além dos supracitados Lucrecio – cujo *De rerum natura* se publicou

vergleichen, sondern nahezu himmlisch ist und ähnlich der Flamme, d. h. dem Blitz, des Jupiter”.

¹⁴ Considere-se, nesse sentido, o intervalo compreendido por v. 218-280, no qual se enaltece o tipo de investigação filosófico-científica que ocorre em *Aetna*, em detrimento do interesse de alguns por ensinar/aprender (ou mesmo praticar) a rendosa agricultura, a “distante” astronomia e a predatória mineralogia.

¹⁵ Essa parcela do poema – v. 567-644 –, situada exatamente ao fim do “curso” de vulcanologia, contém na verdade duas partes: na primeira, de v. 567 até v. 601, ocorre a crítica do *magister* ao interesse de alguns por “falsas” maravilhas, como certas localidades associadas a lendas no Oriente helenizado (Aenas, Corinto etc.) e obras de arte raras, dispondo o homem de tantos prodígios naturais para admirar, por vezes, ao pé de si. Na segunda parte, narra-se a lenda dos dois *pii fratres* (irmãos piedosos) de Catânia, que salvaram seus pais idosos durante violenta erupção do monte Etna, inclusive ao correrem risco de vida eles próprios.

em meados do séc. I a.C. – e o Sêneca das *Naturales Quaestiones*, no mínimo o peripatético Teofrasto – 372 a.C. a 287 a.C. –, autor de uma obra perdida a respeito da lava vulcânica (GOODYEAR, 1984, p. 347) e o estoico Posidônio de Apameia, que viveu no séc. I a.C. e escreveu sobre a Sicília (frs. 249-50) ou, especificamente, sobre o Etna (fr. 234), como explica o mesmo Goodyear (1984, p. 354).

No contraste, ainda, com a tessitura de poemas didáticos mais afins à tecnicidade, a exemplo das *Geórgicas* de Virgílio, é perceptível no plano lexical que em *Aetna* não se privilegia diante do *discipulus* – como esperado em uma obra com características, sobretudo **teóricas**, conforme temos dito – o emprego de verbos afins a significados de ação, mas antes, inclusive nas partes mais técnicas, vocábulos em nexos com a ideia de **contemplar**, física ou mentalmente:

*Inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos
exierint, tum **stringe** comas, tum brachia **tonde**;
ante reformidant ferrum: tum denique dura
exerce imperia et ramos **compesce** fluentis.
(VIRGÍLIO, *Geórgicas* II, 367-370)¹⁶*

*Immensos plerumque sinus et iugera pessum
intercepta licet densaeque abscondita nocti
prospectare: procul chaos ac sine fine ruinae.
Cernis et in siluis spatiosa cubilia retro
antraque demissas penitus fodisse latebras:
incomperta uia est; aer tantum effluit intra.
Argumenta dabunt ignoti uera profundi.
Tu modo subtiles animo duce percipe curas
occultamque fidem manifestis abstrahe rebus.
(*Aetna* 137-145)¹⁷*

¹⁶ “Daí, quando já saírem com ramos vigorosos/ a enlaçar os olmeiros, então **corta** a cabeleira, então **amputa** os braços;/ antes, muito temem o ferro: então, enfim, **exerce**/ um duro poder e **reprime** os ramos fluentes” (grifo meu).

¹⁷ “Podem-se em geral **observar** enormes voragens e jeiras/ arrebataadas para o fundo, escondidas por uma sombra/ espessa: ao longe, caos e destroços sem fim./ **Vês** também, nos bosques, que vastos covis na parte posterior/ e cavernas, profundamente, cavaram esconderijos subterrâneos;/ o acesso é desconhecido; apenas o ar, no interior, se evade./ Mostrarão os argumentos verdades sobre ignotas profundezas./ Tu apenas, sendo guia tua mente, aprende questões sutis/ e **obtem de pontos evidentes a realidade oculta**” (grifo meu). Em v. 145, na verdade se fala de uma tentativa de apreensão mental dos mecanismos envolvidos no vulcanismo, mas ainda assim o vocabulário em uso neste ponto – com marcada antítese entre **occultam** (oculta) **fidem** e **manifestis** (evidentes) **rebus** – parece remeter, de algum modo, às impressões físicas de “claro” e “escuro”.

Isso se explica porque, no contato com uma maquinaria tão grandiosa quanto o monte Etna, a qual, inclusive, é mostrada no poema de nosso interesse como algo a operar com autonomia em seus “incêndios”,¹⁸ nada resta ao homem e, sobretudo, ao *discipulus* que dela se aproxima para o aprendizado, exceto conceder-lhe a própria atenção e procurar ver/entender com maravilhamento, sob a eventual tutela do *magister*. Nas *Geórgicas*, em contrapartida, os limites que separam a (agri)cultura de um estado natural sempre mostrado como caótico e ameaçador do equilíbrio a alto custo obtido pelos *agricolae* romanos são tênues,¹⁹ justificando-se então que o *magister* associado a esse texto frequentemente ressalte a necessidade do trabalho contínuo, a fim de resguardar seus “alunos” dos riscos da negligência com os deveres rústicos. Conseqüentemente, uma passagem semelhante à citada há pouco, relativa ao oneroso cultivo das vinhas, desenvolve-se como série frenética de ações no ponto delicado da poda das plantas um pouco mais crescidas.

Uma vez feitas essas considerações sobre a “natureza” do *magisterium* contido em *Aetna* – filosófico-científico e avesso, pela própria peculiaridade do objeto de ensinamento, a direcionar para a ação transformadora do *discipulus* no Cosmos –, passa-se agora a observar com concisão que, no tocante ao modo instrutivo encontrável no mesmo poema, parecem evidenciar-se as tentativas de tornar palatáveis²⁰ tão árdios conteúdos e, ainda, de permitir entender o difícil/não visível através de comparações com aspectos da realidade um pouco menos recônditos ao *discipulus*:

¹⁸ *Aetna* 365-370: *Nec te decipiant stolidi mendacia uulgi,/ exhaustos cessare sinus, dare tempora rursus/ ut rapiant uires repetantque in proelia uicti./ Pelle nefas animi mendacemque exue famam./ Non est diuinis tam sordida rebus egestas,/ nec paruas mendicat opes nec conrogat auras.* – “Nem te enganem as mentiras do povo tolo: que o centro/ se acalma esgotado, que é necessário tempo para de novo/ haver forças e, depois da derrota, tornarem à batalha./ Expulsa o sacrilégio da mente e deixa essa opinião mentirosa./ Não sofrem as coisas divinas de tão miserável indigência,/ nem ela mendiga um pouco de ajuda, nem obtém o ar rogando”.

¹⁹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* I, 155-159: *Quod nisi et adsiduis herbam insectabere rastris/ et sonitu terrebis auis et ruris opaci/ falce premes umbras uotisque uocaueris imbrem,/ heu magnum alterius frustra spectabis acerum/ concussaque famem in siluis solabere quercu.* – “Se não segares, pois, continuamente a erva,/ espantares as aves com ruídos, perseguires as sombras do campo/ escuro com a foice e chamares a chuva com preces,/ ai! em vão observarás um vasto celeiro de outro/ e matarás tua fome sacudindo o carvalho nas matas!”

²⁰ É impossível não remeter, neste ponto, à imagem da poesia como mel colocado à borda de uma taça de remédio amargo – ou da difícil teoria atinente à física epicurista –, tal como expressa em *De rerum natura* I, 936-950.

*Sed simul ac ferro quaeras, respondet et ictu
scintillat **dolor**; hunc multis circum inice flammis
et patere extorquere animos atque exue robur:
fundetur ferro citius, nam mobilis illi
et **metuens** natura mali est, ubi coritur igni.
(Aetna 402-406)²¹*

*(...); **utque** animanti
per tota errantes percurrunt corpora **uenae**,
ad uitam sanguis omnis qua comheat, isdem
terra uoraginibus conceptas digerit auras.
(Aetna 98-101)²²*

O primeiro excerto, acima, aborda as características encontráveis na rocha vulcânica chamada *molaris lapis* (pedra molar), contudo de um modo que não se identifica, apenas, com oferecer detalhes físico-químicos atinentes a sua constituição. Dessa forma, em “parceria” com outros itens encontráveis no inóspito ambiente siciliano do monte Etna,²³ a rocha em questão é mostrada à maneira de algo imbuído de traços antropomorfizantes,²⁴ como demonstram a menção à “dor” que sente ao ser batida (v. 403), a seu “medo” (v. 406) do fogo etc. Ainda poderíamos acrescentar que esses sofrimentos infligidos à pedra molar pelo homem, a fim de fazê-la “entregar” suas características, recriam nesse contexto de *Aetna* o procedimento judicial da tortura, a que estavam expostos, no mundo antigo, somente réus e/ou testemunhas de baixíssima extração social (os escravos).²⁵

²¹ “Mas, logo que a indagas com o ferro, ela responde e **a dor**/ do golpe faz soltar faíscas; lança-a em meio a muitas chamas./ deixa extorquirem sua alma e despe-a da dureza:/ há de fundir-se mais rápido que o ferro, pois tem natureza/ mutável e **temerosa** do mal, quando entra em luta contra o fogo” (grifo meu).

²² “(...). **E assim como veias**/ errantes percorrem o corpo inteiro de um vivente./ por elas circulando todo o sangue para a vida,/ a terra distribui os ares apanhados em voragens” (grifo meu).

²³ Conforme se dá em v. 217, contexto em que o fogo se apresenta como “soldado”, no emaranhado de galerias sob o Etna, e o vento como seu “general”, ou força motora: *hic princeps magnoque sub hoc duce militat ignis*. – “ele é o líder, o fogo milita sob esse grande general”.

²⁴ O mesmo procedimento de “animar” o inanimado, a fim de atribuir alguma “cor” ao que poderiam ser “cinzentos” preceitos agrícolas, ocorria também em Virgílio, como se nota pelo exemplo supracitado de *Geórgicas* II, v. 367-370 (veja-se *supra* nota 16), no qual palavras amiúde empregadas para designar porções do corpo humano – *coma* (cabeleira) e *brachia* (braços) – passam a ser aplicadas à descrição de parreiras.

²⁵ VILLAS, 2017, p. 4: “Durante a República [romana], podemos afirmar que o Estado buscava o respeito à dignidade do cidadão romano (*status* que não abrangia os escravos e estrangeiros), extirpando quaisquer atos cruéis dos processos penais, que pudessem violar os direitos dos homens livres”.

O segundo excerto, por sua vez, deixa-nos divisar uma comparação entre a passagem do ar pelas galerias subterrâneas do Etna e a circulação sanguínea nas veias dos seres humanos ou dos animais, sendo essa última realidade bem mais acessível, até por uma questão de proximidade experiencial e de espaço, a qualquer receptor da obra. Também Lucrécio, lembramos, servira-se de procedimentos analógicos ao explicar a física no *De rerum natura*, por exemplo aproximando os átomos em constante movimentação – algo de todo invisível para a percepção humana pela pequenez da escala – do mais óbvio vaivém dos grãos de poeira em um ambiente fechado, quando um raio de luz os atravessa a partir de fora (livro II, 114-124).

Por fim, em contraste com um poema didático, também, filosófico-científico – não apenas técnico – como o *De rerum natura*, cuja meta suprema correspondia, além de expor racionalmente os meandros da Natureza, a expurgar o(s) medo(s) da experiência humana,²⁶ *Aetna* divisa na própria contemplação “desinteressada” dos mistérios naturais o mais nobre fim a que podemos almejar, sendo humanos e pensantes:

*Implendus sibi quisque bonis est artibus; illae
sunt animi fruges, haec rerum maxima merces:
scire quod occulto terrae natura coerces;
nullum fallere opus; non mutos cernere sacros
Aetnaei montis fremitus animosque furentis;
non subito pallere sono, non credere subter
caelestis migrasse minas aut Tartara mundi;
nosse quid impediatur uentos, quid nutriet illos,
unde repente quies et nullo foedere pax sit.
(Aetna 272-280)²⁷*

²⁶ GALE, 2001, p. 47: “If, as has been argued, the main theme of the first three books is the foolishness of fearing death, there are also hints of what is to come in Books 4-6. Lucretius’ second major task is to free us from superstition, by which he means, essentially, the belief that the gods have anything to do with the human world, and that we can influence them either in our favour or to our detriment”. – “Se, como foi discutido, o tema principal dos três primeiros livros é a tolice de temer a morte, também há indícios do que está por vir nos Livros 4-6. A segunda tarefa principal de Lucrécio é libertar-nos da superstição, pela qual ele quer dizer, essencialmente, a crença de que os deuses têm algo a ver com o mundo humano e de que podemos influenciá-los a nosso favor ou em nosso detrimento”.

²⁷ “Cada qual deve imbuir-se de nobres saberes; eles são/ as searas da mente, **isto é a maior paga de todas**:/ saber o que a Natureza esconde no fundo da terra;/ por fenômeno algum ser enganado; não divisar sem palavras/ os rugidos sagrados do monte Etna e seu ímpeto furioso;/ não empalidecer por som repentino, não crer que ameaças/ celestes desceram abaixo, aos Tártaros do mundo;/ saber o que barra os ventos, o que os nutre, donde/ de repente se faz o sossego e a paz sem trato algum” (grifo meu).

Esses dizeres se encaixam, por sinal, em um contexto no qual se vinham contrapondo, às inquirições “científicas” contidas nessa obra, os interesses daqueles ocupados com a astronomia – v. 250-255 –, a mineralogia – 256-261 – e a agricultura – 262-271. No caso da astronomia e da agricultura, é válido lembrar que dois dos mais importantes poemas didáticos da Antiguidade romana, os *Astronomica* de Manílio – primeiro quartel do séc. I d.C. – e as próprias *Geórgicas*, têm esses assuntos como alvo de seu *magisterium*, o que parece apontar, em *Aetna*, para críticas especialmente dirigidas contra tais predecessores compositivos, não contra quaisquer amantes das estrelas ou camponeses ávidos de ganhos (DI GIOVINE, 1981, p. 298 *et seq.*).

Delineamento breve da figura do *discipulus* em *Aetna*

Confrontados com a tarefa de apresentar um esboço da figura do *discipulus* em *Aetna*, encontramos-nos em relativa desvantagem na comparação com nossas tentativas anteriores, de delineamento do *magister* e do respectivo *magisterium* nesse poema didático. Primeiramente, convém lembrar que, em contraste com outro tipo de produção letrada antiga também associável à veiculação de saberes – ou seja, os diálogos –, a poesia didática apresenta como “regra” de pertença a seus limites tipológicos que apenas à figura de um único *magister* seja delegada a tarefa do ensino (TOOHEY, 1996, p. 4). Em outras palavras, o *discipulus* se apresenta, nas obras desse tipo, sempre como elemento colocado na posição de **ouvir**, nunca na de falar.

Desse modo, somente a partir das palavras do *magister* ao *discipulus*, pelo conteúdo e forma de ocorrência de tal endereçamento, dá-se ao crítico a possibilidade de divisar os tênues contornos da personagem do “aluno”. Importa ainda dizer, semelhantemente ao ocorrido quando tecemos comentários sobre os traços do *magister* didático, que não se deve entender esse “aluno” como idêntico ao “leitor empírico”: na verdade, por mais que indivíduos distintos se tenham aproximado como público, ao longo dos séculos, de obras afins às *Geórgicas* de Virgílio, ao *De rerum natura* lucreciano, ao *Aetna* etc., os contornos dos respectivos *discipuli*, em parte convencionais, em parte atinentes às escolhas dos poetas que compuseram tais obras, permanecem inscritos na letra dos poemas.²⁸

Certas colocações de Alison Sharrock (1994, p. 7), nesse sentido, diferenciam claramente *reader* (leitor) de *Reader* (Leitor), como instâncias receptivas vinculadas à poesia didática antiga: no primeiro caso, encontram-se para essa estudiosa os

²⁸ Em *De rerum natura* e nas *Geórgicas*, para exemplificar, ocorre a destinação explícita da “voz” do *magister* em um caso a (Caio) Mêmio – propretor da Bitínia em 57 a.C. – e, em outro, a (Caio Cílnio) Mecenas. Nessas ocorrências, o público é levado a revestir-se da máscara dessas *personae*, quando interage com tais poemas didáticos e se interpela em segunda pessoa, mesmo sem nunca ter sido “Mêmio” ou “Mecenas”.

efetivos receptores das obras no “mundo”, os quais podem, ou não, adaptar-se à imagem ideal dos leitores ovidianos da *Ars amatoria*, por exemplo. Para que essa adaptação ocorresse, no entanto, seria preciso uma abordagem da obra de Ovídio citada como se, através dela, o público – na origem, os leitores romanos de Ovídio – estivesse em busca de reais conselhos amorosos.

Em contrapartida, *Reader* (Leitor) corresponde, para todos aqueles em contato com a poesia didática antiga, à face que se constrói como destinatária implícita dos preceitos direcionados desses textos a uma segunda pessoa do discurso.²⁹ Então, nos tempos de Ovídio, um leitor do sexo masculino a ter contato com os conteúdos do livro III de sua *Ars amatoria* seria, em tal situação, por força interpelado pela obra sob a figuração didática de uma *discipula* (aluna) – não de um *discipulus*, como nos livros I e II.

Em *Aetna*, além da questão do completo silenciamento do *discipulus*, que há pouco comentamos, também se dá que traços particularizadores dessa personagem didática, a exemplo de um nome e da ênfase no sexo, estejam ausentes, pelo que o entendemos, desta feita, sob o molde genérico de um “aluno de vulcanologia”. Contudo, o teor de certas passagens do poema deixa que tenhamos vislumbres de como compreender os grandes traços constitutivos de tal *discipulus*:

*Quod si praecipiti conduntur flumina terra,
condita si redeunt, si qua et iam incondita surgunt,
haud mirum clausis etiam si libera uentis
spiramenta latent. Certis tibi pignora rebus
atque oculis haesura tuis dabit ordine tellus.*
(*Aetna*, 132-136)³⁰

*Quod si forte putas isdem decurrere uentos
faucibus atque isdem pulsos remeare, notandas
res oculis locus ipse dabit coetque negare.*
(*Aetna* 328-330)³¹

²⁹ SHARROCK, 1994, p. 7: “I shall frequently refer to the ‘Reader’, by which I mean the notional addressee. I use the term ‘Reader’ in preference to ‘addressee’ in order to encourage the potential slippage between Reader and reader which I am suggesting, while at the same time retaining a sense of difference by the use of the upper case R”. – “Vou referir-me frequentemente ao ‘Leitor’, com o que quero dizer o destinatário notional. Uso o termo ‘Leitor’ em vez de ‘destinatário’ a fim de fomentar o potencial deslizamento entre o Leitor e o leitor que estou a sugerir, mas conservando, ao mesmo tempo, certa sensação de diferença pelo emprego da letra maiúscula R”.

³⁰ “Com efeito, ocultando-se rios na terra/ em abismo, ressurgindo os ocultos e alguns não ocultos/ se mostrando, não admira também se esconderem passagens/ livres para ventos encerrados. **Por seguros indícios**, a ti dará/ a terra **as provas** ordenadamente, e **elas saltarão a teus olhos**” (grifo meu).

³¹ “Com efeito, caso julgues que os ventos pelas mesmas gargantas/ passam e por elas mesmas

*Nec te decipiant stolidi mendacia uulgi,
exhaustos cessare sinus, dare tempora rursus
ut rapiant uires repetantque in proelia uicti.
Pelle nefas animi mendacemque exue famam.
Non est diuinis tam sordida rebus egestas,
nec paruas mendicat opes nec conrogat auras.
(Aetna 365-370)³²*

*Quem si forte manu teneas ac robore cernas,
nec feruere putes ignem nec spargere posse.
(Aetna 400-401)³³*

Os excertos acima, colhidos ao longo da obra a título de amostragem, apresentam, por vezes, uma caracterização do *discipulus* sobretudo como quem hesitasse em crer nas revelações que o ensinamento do “professor” faz, sendo uma personagem que necessita “ver para crer” (dois primeiros trechos);³⁴ além disso, mesmo no contato tátil direto com *molaris lapis* (pedra molar) – quarto excerto –, tal “aluno” se comporta como se ainda duvidasse das propriedades comburentes que o *magister* lhe empresta, com plena confiança. Por último, embora assim cauteloso diante das palavras do *magister*, ou mesmo do significado de suas experiências, trata-se o *discipulus* de *Aetna* de um receptor apto a dar “sacrílegos” ouvidos a rumores e “mentiras” sobre o funcionamento dos vulcões,³⁵ como se esses um dia pudessem vir a extinguir as próprias chamas.³⁶

retornam ao serem impelidos, **o próprio/ sítio fará notar os fatos por teus olhos**, e obrigará a negar” (grifo meu).

³² “**Nem te enganem as mentiras** do povo tolo: que o centro/ se acalma esgotado, que é necessário tempo para de novo/ haver forças e, depois da derrota, tornarem à batalha./ **Expulsa o sacrilégio da mente e deixa essa opinião mentirosa.**/ Não sofrem as coisas divinas de tão miserável indignância./ nem ela mendiga um pouco de ajuda, nem obtém o ar rogando” (grifo meu).

³³ “Caso a segurasses com a mão e julgasses pela dureza./ **não pensarias abrasar-se nem que pode difundir a chama**” (grifo meu).

³⁴ (VOLK, 2005, p. 79): “*Diese negative Haltung gegenüber mythologischer Naturerklärung und mythologischer Dichtung, verbunden mit der Emphase der Sinneswahrnehmung, rückt den Aetna-Dichter ideologisch in die Nähe des Epikureers Lukrez, eines Autors, dessen Einfluss in unserem Gedicht an vielen Orten sichtbar ist, z. B. in der wiederholten Anrede an einen oft als skeptisch vorgestellten Schüler*”. – “Essa atitude negativa em relação à explicação mitológica da Natureza e à poesia mitológica, combinada com a ênfase na percepção sensorial, move o poeta de *Aetna* à proximidade ideológica do epicurista Lucrécio, um autor cuja influência em nosso poema é visível em muitas partes, por exemplo, no discurso reiterado que se dirige a um aluno, muitas vezes, apresentado como cético”.

³⁵ Veja-se *supra* excerto correspondente a *Aetna* 365-370, em nota 32.

³⁶ Em contrapartida, como se viu em nota 21, referentemente a v. 269 de *Aetna*, o *magister* equiparara

Conclusão

Por inserir-se na tradição compositiva da chamada “poesia didática antiga”, o poema *Aetna* apresenta em comum com outras obras da mesma tipologia vários elementos constitutivos indispensáveis, como a abordagem sistemática de certo conteúdo (neste caso, a vulcanologia) pela “voz” única de um *magister*, o qual se dirige do começo ao fim do texto a um *discipulus* de segunda pessoa. Tais traços básicos e partilhados de sua estruturação, no entanto, não o nivelam na mesmice absoluta diante de outros correlatos compositivos – como *Os trabalhos e os dias* hesiódicos, as *Geórgicas* de Virgílio etc. –, pois, explicamos, seu tema filosófico-científico (não só técnico) é raro e, em certo sentido, “inédito”. Além disso, os objetivos de sua escrita não se voltam para fins alheios à nobilitação humana através de um conhecimento “desinteressado” sobre a Natureza, e o *magister* de vulcanologia soube dosar como poucos, desde o proêmio da obra, a (auto)confiança e a delegação das dificuldades (e méritos) compositivos a Apolo e às musas.

Quanto ao *discipulus* inscrito nos versos de *Aetna*, ser privado de traços mais nítidos em seu contorno – ao contrário do que se dava, em certo sentido, com as figuras de “Mêmio” e “Mecenas”, nos respectivos poemas didáticos de Lucrécio e Virgílio – não o priva de configurar-se sob o signo da incredulidade (VOLK, 2005, p. 79) e, no limite, de certa impiedade por suas crenças errôneas a respeito de um objeto peculiar de ensino-aprendizado, o próprio monte Etna. As idiossincrasias dessa última personagem de *Aetna*, portanto, combinadas às especificidades do ensinamento e da figura do *magister* contidos nessa obra, contribuem para diferenciar tal texto do panorama comum do didatismo antigo e, simultaneamente, para dar mostras, através de um caso particular, dos ricos horizontes possíveis para a tipologia literária a que pertence.

TREVIZAM, M. Faces of the *Aetna*: magister, teaching and discipulus. **Itinerários**, Araraquara, n. 51, p. 93-109, 2020.

■ **ABSTRACT:** *In this article, after trying to point out some essential features of a Latin didactic poem called Aetna – such as the presence of the teacher-student constellation and the transmission of knowledge through hexameters –, we comment more specifically on some of these aspects. Thus, the magister (teacher) is analyzed under the rhetorical perspective of ethos; teaching is addressed from approaches such as its nature, ways, and targets; the discipulus (student), finally, is sometimes described by the magister as incredulous about his words, but dangerously credulous about rumors.*

■ **KEYWORDS:** *Didactic poetry. Aetna. Teacher. Teaching. Student.*

o monte Etna à inesgotável riqueza das *diuinis... rebus* (coisas divinas).

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Antiga musa**: arqueologia da ficção. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.
- BUXTON, Richard. Mount Etna in the Greco-Roman imaginaire: culture and liquid fire. *In*: McINERNEY, J.; SLUITER, I. (org.). **Valuing landscape in Classical Antiquity**: natural environment and cultural imagination. Leiden/Boston: Brill, 2016. p. 25-45.
- CODOÑER, Carmen. Obras filosóficas. *In*: CODOÑER, C. (org.). **Historia de la Literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007. p. 545-556.
- DELLA CORTE, Francesco (org.). **Enciclopedia virgiliana**: vol. I. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana-Treccani, 1984.
- DI GIOVINE, Carlo Vittorio. La polemica con Virgilio in *Aetna* 260 sgg. **Rivista di filologia e di istruzione classica**, Torino, vol. 109, p. 298-303, 1981.
- GALE, Monica. **Lucretius and the didactic epic**. London: Bristol Classical Press, 2003.
- GOODYEAR, F. R. D. The *Aetna*: thought, antecedents and style. *In*: HAASE, W. (org.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. Berlin: Walter de Gruyter, 1984, p. 344-363. Band 32.1, Teil II.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução, introdução e comentários de M. C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- L’Etna**: poème. Texte établi et trad. par J. Vessereau. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
- LVCRETI. **De rerum natura**. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 2009.
- PÉCORA, Alcir Bernardez. **Máquina de Gêneros**: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage. São Paulo: EdUSP, 2001.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SENECA. **Natural Questions**. Translated by Thomas H. Corcoran. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971/1972 (vols. I-II).
- SHARROCK, Alison. **Seduction and repetition in Ovid’s “Ars amatoria” 2**. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- TOOHEY, Peter. **Epic lessons**: an introduction to ancient didactic poetry. London/New York: Routledge, 1996.

VILLAS, Tiago Pires Cotia. O atroz uso da tortura como instrumento para obtenção de informações. **Aequitas**: Revista de la Facultad de Ciencias Jurídicas, Buenos Aires, vol. 9, n. 9, p. 1-21, 2015.

VIRGILE. **Géorgiques**. Texte établi et trad. par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

VOLK, Katharina. *Aetna* oder wie man ein Lehrgedicht schreibt. In: HOLZBERG, Niklas (org.). **Die Appendix Vergiliana**: Pseudepigraphen im literarischen Kontext. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2005, p. 68-91.

VOLK, Katharina. **The poetics of Latin didactic**: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WEEDA, Leendert. **Vergil's political commentary in the Eclogues, Georgics and the Aeneid**. Berlin: De Gruyter, 2015.

